

O MAIS SUBLIME DOS MENINOS

Lucia Castello Branco
UFMG

RESUMO

Este texto pretende, a partir dos pressupostos de Heidegger em *A origem da obra de arte*, efetuar uma leitura do livro *Retrato do artista quando coisa*, de Manoel de Barros, em articulação com o restante da obra do poeta.

PALAVRAS-CHAVE

sublime, infância, morte, coisa, *das Ding*

Para Stella Barros e Cynthia Barra,
amadoras do poeta e da poesia,
respectivamente.

Conversávamos, agora. Ela apreciava o casacão da noite. — “Cheinhas!” — olhava as estrêlas, deléveis, sôbre-humanas. Chamava-as de “estrelinhas pia-pia”. Repetia: — “Tudo nascendo!” — essa sua exclamação diletta, em muitas ocasiões, com o deferir de um sorriso. E o ar. Dizia que o ar estava com cheiro de lembrança. — “A gente não vê quando o vento se acaba...” Estava no quintal, vestidinha de amarelo. O que falava, às vêzes era comum, a gente é que ouvia exagerado: — “Alturas de urubuir...” Não, dissera só: — “...altura de urubu não ir.” O dedinho chegava quase no céu.

João Guimarães Rosa
“A menina de lá”

Começemos por escutar o poeta. Na curva dos oitenta anos, com a autoridade de catorze livros publicados, na abertura de seu *Retrato do artista quando coisa* (Record, 1998), ele nos declara:

Retrato do artista quando coisa: borboletas
Já trocam as árvores por mim.
Insetos me desempenham.
Já posso amar as moscas como a mim mesmo.
Os silêncios me praticam.
De tarde um dom de latas velhas se atraca
em meu olho

Mas eu tenho predomínio por lírios.
Plantas desejam a minha boca para crescer
por de cima.
Sou livre para o desfrute das aves.
Dou meiguice aos urubus.
Sapos desejam ser-me.
Quero cristianizar as águas.
Já enxergo o cheiro do sol.¹

A primeira impressão: o susto. O sujeito que aí nos fala parece estar muito ocupado em sua “tarefa de morrer”. É pesado o silêncio que se escuta nesse desenho das plantas que crescem por de cima da boca do poeta. Pesada a nudez do poeta: nu “de seus orgulhos e de suas esperanças”. “A morte é uma coisa indestrutível”, ele nos dirá, adiante.²

Depois, passado o primeiro susto, algo da ordem do reconhecimento se faz ver. E, apesar da insistência do *já* na superfície do poema, sabemos que este trajeto, esta *descida vegetal* ou *coisal*, consiste, na verdade, num projeto que se coloca desde o primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado*, de 1937: “em seus joelhos pousavam mansos cardeais...”³

Trata-se, na verdade, não exatamente de um *já*, mas de um *ainda*. Ainda a coisa ou já a coisa? “Repetir repetir — até ficar diferente”,⁴ ele também já nos disse. Manoel ficou diferente, virou outra coisa ou a coisa mesma, aquela a que ele sempre quis chegar? O silêncio pesado de *das Ding*. E, em direção inversa à *descida coisal* que o poeta já vem promovendo ao longo de sua escritura, algo da ordem do sublime ali se descortina: “Quero cristianizar as águas./ Já enxergo o cheiro do sol.”

“**Sublime**. S. m. Excelso, muito alto, acima de nós; perfeitíssimo, grandioso; poderoso; majestoso; encantador; esplêndido; o mais alto grau de perfeição”, diz o Aurélio.⁵

Não nos apressemos. Este sujeito que já enxerga o cheiro do sol nos adverte: “O cisco tem agora para mim uma importância/ de Catedral”. (p.23) Porque é no olhar para baixo que sua aprendizagem se dá:

Aprendo com abelhas do que com aeroplanos.
É um olhar para baixo que eu nasci tendo.
É um olhar para o ser menor, para o
insignificante que eu me criei tendo.

¹ BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. p.11. Todas as citações referentes a esta obra virão assinaladas no texto apenas com o número da página entre parênteses.

² Todas as citações referem-se ao poema 4, da Segunda parte do livro, intitulada “Biografia do Orvalho”, p.65.

³ BARROS. *Gramática expositiva do chão* (poesia quase toda), p.35.

⁴ BARROS. *O livro das ignoranças*, p.13.

⁵ HOLANDA. *Pequeno dicionário brasileiro de Língua Portuguesa*, verbete sublime.

O ser que na sociedade é chutado como uma barata — cresce de importância para o meu olho.
Ainda não entendi por que herdei esse olhar para baixo.
Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas.
Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão —
Antes que das coisas celestiais.
Pessoas pertencidas ao abandono me comovem: tanto quanto as soberbas coisas ínfimas. (p.27)

Talvez então devamos produzir uma torção também em nosso olhar para ver por debaixo esse sol. Há algumas maneiras de se ver por debaixo as coisas. Uma é ser uma delas: a coisa ínfima propriamente dita. Outra é ser menino. De novo. Manoel sabe das duas. Por isso nos diz:

Remexo com um pedacinho de arame nas
minhas memórias fósseis.
Tem por lá um menino a brincar no terreiro:
entre conchas, osso de arara, pedaços de pote,
sabugos, asas de caçarolas etc.
E tem um carrinho de bruços no meio do terreiro
(...)
O menino também puxava, nos becos de sua
aldeia, por um barbante sujo umas latas tristes.
Era sempre um barbante sujo.
Eram sempre umas latas tristes.
O menino é hoje um homem douto que trata
com física quântica.
Mas tem nostalgia das latas.
Tem saudades de puxar por um barbante sujo
umas latas tristes. (p.47)

Esse menino, que também já estava lá desde o primeiro livro, em *Cabeludinho*,⁶ faz-nos ouvir um outro, de outra aldeia, este também profano e sublime. Trata-se do “Menino Jesus” de Alberto Caeiro:

Num meio-dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.
Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva.
E a arrancar flores para as deitar fora.
E a rir de modo a ouvir-se de longe.

⁶ Cabeludinho é “personagem” de uma série de poemas do livro *Poemas concebidos sem pecado*.

Tinha fugido do céu.
Era nosso demais para fingir
De Segunda pessoa da Trindade.
No céu era tudo falso, tudo em desacordo
Com flores e árvores e pedras.
No céu tinha que estar sempre sério
E de vez em quando de se tornar outra vez homem
E subir para a cruz, e estar sempre a morrer⁷

Mas entre *O guardador de rebanhos* e *O guardador de águas* abre-se não só o hiato de quase um século e de uma nacionalidade, mas sobretudo o de uma vertiginosa descida. É verdade que Alberto Caieiro é o mestre de todos os outros — os de Pessoa e mesmo os de Barros (“Não ser é outro ser”, diz a epígrafe de Pessoa na abertura do livro). Mas ele pousou na superfície da paisagem bucólica e não chegou a descer, como Manoel, às coisas ínfimas do chão.

De qualquer maneira, é a essa linhagem de Caieiro que o menino de Barros pertence. E talvez aí devamos pensar numa outra noção de sublime: não aquela do excelso, do perfeítíssimo, do grandioso, mas uma outra, que se abre para o inconcluso, o imperfeito, o menor.

Por que, então, insistirmos na noção de *sublime*, se não é dos céus, mas do chão da poesia que os poemas de Manoel de Barros nos falam? E é ele mesmo quem nos responde:

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Neste ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou — eu não
aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre
portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora,
que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
Perdoai.
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas. (p.79)

Aí, na dimensão do homem renovado por borboletas, estamos, sem dúvida, na dimensão do *sublime poético*, aquilo que Heidegger denominou “o aberto”:

Mas a Poesia não é nenhum errante a inventar do que quer que seja, não é nenhum oscilar da mera representação e imaginação no irreal. O que a Poesia, enquanto projecto clarificante, desdobra na desocultação e lança no rasgão da forma, é o aberto que ela faz acontecer...⁸

⁷ CAEIRO. Poema VIII de *O guardador de rebanhos*. In: PESSOA. *Obra poética*, p.209.

⁸ HEIDEGGER. *A origem da obra de arte*, p.60.

E, se estamos na dimensão do aberto, podemos retornar, ainda com Heidegger (e, mais ainda, com Manoel de Barros), às coisas da terra:

Não deve então a obra, por seu lado, e precisamente, antes do seu ser-criada, e em vista deste, inserir-se numa relação com as coisas da terra, com a Natureza, para que ela possa adequadamente pôr no aberto, o caráter coisal? Alguém, que o deveria saber, Albrecht Dürer, diz aquelas palavras conhecidas: “Pois, na verdade, a arte está na Natureza, e quem daí a consegue arrancar, possui-a.”⁹

Para quem tem o projeto de chegar ao antes de “ser-criada” a poesia, à “palavra que tenha um aroma ainda cego”, “antes do murmúrio”, o “antesmente verbal: a despálavra mesmo” (p.53), o *sublime poético* não pode mesmo consistir numa subida, mas antes numa descida ao aberto do chão.

Ocorre que, no aberto do chão, deparamo-nos, o poeta e aqueles que o lêem, não apenas com suas lesmas e caracóis, seus trastes velhos, mas também com o aberto do céu. Poesia a céu aberto, poderíamos pensar.¹⁰ “Alturas de urubuir”, disse uma vez um certo Rosa.

Trata-se, já o demonstrou Lacan, da “elevação de um objeto à dignidade da Coisa”.¹¹ Ou mesmo, como já observara Freud, do ardiloso brinqueado do escritor criativo que “faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério”.¹²

Mas não o compreendamos rápido demais. Pois que esse sublime é sem garantias e, se o poeta chega à coisa mesma através de macerações de sílabas, destroços de palavras, há, no entanto, alguma coisa que permanece irreduzível: “morrer é uma coisa indestrutível”.

Assim, nessa poesia a céu aberto, mesmo que se achesse o nada e se atinja, afinal, o *Retrato do artista quando coisa*, não nos enganemos: o poeta aparece de costas. E, nesta paisagem devastada, há sempre um além — ou um aquém — que não se alcança, ou que *ainda* não se alcança. Oposto ao *já* do poema que abre o livro, o poema 11 nos dirá, afinal, que o *sublime poético* reside na felicidade do *ainda não* e do *nem*, na incompletude e na imperfeição:

Sobre meu corpo se deitou a noite (como se
eu fosse um lugar de paina).
Mas eu não sou um lugar de paina.
Quando muito um lugar de espinhos.
Talvez um terreno baldio com insetos dentro.
Na verdade eu nem tenho ainda o sossego de
uma pedra.

⁹ HEIDEGGER. *A origem da obra de arte*, p.56.

¹⁰ Um dos livros do autor intitula-se *Concerto a céu aberto para solos de ave*.

¹¹ LACAN. *Le séminaire*. Livre VII. L'étiologie de la psychanalyse, p.136.

¹² FREUD. *Escritores criativos e o devaneio*, p.150.

Não tenho os predicados de uma lata.
Nem sou uma pessoa sem ninguém dentro —
feito um osso de gado
Ou um pé de sapato jogado no beco.
Não consegui ainda a solidão de um caixote —
tipo aquele engradado de madeira que o poeta
Francis Ponge fez dele um objeto de poesia.
Não sou sequer uma tapera, Senhor.
Não sou um traste que se preze.
Eu não sou digno de receber no meu corpo os
orvalhos da manhã. (p.41)

Tanto melhor. Desta maneira, a palavra “fim” que encerra o livro pode não se permitir encerrar na indestrutibilidade da coisa-morte. E assim pode não passar de mais uma trapaça do poeta, traquinagem séria do mais sublime dos meninos.



RESUMÉ

Le texte veut, à partir des idées de Heidegger dans *L'origine de l'oeuvre de l'art*, réaliser une lecture du livre *Retrato do artista quando coisa*, de Manoel de Barros, vis-à-vis l'oeuvre de l'auteur.

MOTS-CLÉS

sublime, infance, mort, chose, *das Ding*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. *Concerto a céu aberto para solos de ave*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. *Gramática expositiva do chão* (Poesia quase toda). 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992. p.35: Poemas concebidos sem pecado.
- _____. *O livro das ignoranças*. 11.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- _____. *Retrato do artista quando coisa*. São Paulo: Record, 1998.
- CAEIRO, Alberto. Poema VIII de *O guardador de rebanhos*. In: PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977. p.209.
- FREUD, Sigmund. “*Grádiva*” de *Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.: *Escritores criativos e o devaneio*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 9)
- HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Pequeno dicionário brasileiro de Língua Portuguesa*. 11.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d.
- LACAN, Jacques. *Le séminaire*. Livre VII. *L'étiqúe de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1986.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras histórias*. 6.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972. p.21: *A menina de lá*.